

AS PRÁTICAS DE CURA NO SUL DO BRASIL: O CASO DAS “ÁGUAS SANTAS” DE SANTA MARIA DA BOCA DO MONTE (SÉCULO XIX)

Priscila Novelim¹; Alexandre de Oliveira Karsburg²

¹ Universidade Federal de Pelotas – pri2702@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – alexkarsburg@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Em trabalhos historiográficos recentes, buscou-se olhar uma história que contemple a vida cotidiana e os acontecimentos que enfoquem aspectos sociais e culturais. Dessa forma os fatos ocorridos em Santa Maria da Boca do Monte, no Cerro do Campestre, na segunda metade da década de 1840 chamam a atenção. Este é o local de um episódio emblemático: às águas de uma fonte ali presente foram atribuídos poderes de cura, o que atraiu milhares de pessoas de diversas partes do sul do Brasil e países vizinhos que buscavam tratamento para suas enfermidades. Assim a fonte ficou conhecida a das “águas santas”.

No século XIX, a medicina tal e qual a conhecemos atualmente, era apenas uma das formas de tratar as doenças, um saber buscando reconhecimento no campo da cura. A ciência médica tinha menos credibilidade por parte da população do que a “medicina popular”, os médicos diplomados eram poucos. De acordo com estudos de WITTER (2001), a maioria das pessoas, por questão de escolha e confiança, buscava os curandeiros para tratar de suas enfermidades, pois estes conheciam muito de ervas, banhos, emplastros e outras formas de restabelecer a saúde das pessoas adoentadas. Estes sujeitos, conhecedores das artes de curar, estavam presentes em praticamente todo o território sul rio-grandense e brasileiro. Era comum, quando se adoecia, que se recorresse aos curandeiros, pois estes tinham maior confiança por parte das famílias. A diversidade destes e a forma como eles se relacionavam com as pessoas estava ligada à concepção de cura da época, quando estar doente era estar fora de suas atividades e exigia cuidados dos familiares, “estar doente era estar a um passo da morte, pois todas as enfermidades atuavam de forma desconhecida e os tratamentos também” (WITTER, 2001, p.100).

A utilização de plantas medicinais era comum no interior e nas cidades, por médicos e curandeiros, ricos e pobres. Além dos chás das plantas, havia outros saberes a respeito de substâncias presentes no dia a dia que amenizavam os sintomas das doenças. A origem da utilização de plantas medicinais nos tratamentos de enfermidades foi atribuída a grupos indígenas, mais tarde, europeus e africanos incorporaram seus saberes a este respeito, ampliando as possibilidades de cura. As benzeduras e simpatias eram outras práticas comuns pela população na busca do restabelecimento da saúde. Apesar de serem considerados frutos da “ignorância”, tinham adeptos que afirmavam para certas doenças que uma benzedura era suficiente (WEBER, 1999). Os curandeiros percorriam territórios e curavam através de rezas, benzeduras, sopros ou imposição das mãos.

A partir da pesquisa de KARSBURG (2012), que analisou a participação de um “monge” italiano na origem da crença que atribuiu às águas de uma fonte poderes miríficos no Cerro do Campestre, em Santa Maria da Boca do Monte, foi

possível ampliar o horizonte de entendimento a respeito da cultura da população. Consideradas milagrosas devido ao seu poder de cura, as “águas santas” levaram à localidade pessoas de todo o Rio Grande do Sul, de outras províncias e também de países vizinhos como Argentina, Uruguai e Paraguai, comprovando que crenças e práticas culturais ultrapassavam as fronteiras políticas. A comoção popular que santificara o local atribuiu o poder de cura das águas ao monge João Maria, que em suas peregrinações foi agregando saberes, tornando-se um curandeiro hábil na manipulação de ervas, plantas e fontes de água mineral. A população afirmava ali ter uma fonte de “água milagrosa”, e, tão logo a notícia se espalhou, para lá se encaminharam de diversos locais em busca do tratamento e cura de doenças. Fé, “fanatismo”, promessas de cura e a esperança de um milagre trouxeram um número apreciável de pessoas ao Campestre. De acordo com WITTER (2001 p. 42):

Na terapêutica das águas ‘milagrosas’ se estabeleciam banhos, no caso a água era aparada em uma caneca e virada sobre a cabeça do doente num número ímpar de vezes, o doente também a bebia, ou fazia uso do barro que se acumulava sob a vertente, cobrindo-se com ele principalmente os que sofriam doenças de pele.

Nas crônicas de Felicíssimo de Azevedo, escritas em 1895 e 1898, relatou sua experiência no Campestre quando então tinha 25 anos. Diz ele ter lá permanecido para estudar “aqueles mistérios”. Nestes documentos ele declarou que o monge foi o descobridor de uma vertente de água dentro da mata e fez dela “a base do poder misterioso de seus milagres”.

A combinação de práticas de cura, fé e religiosidade eram as mais heterodoxas para um observador pouco afeito àquelas crenças e observações. Mais do que fanatismo o que as pessoas buscavam no Cerro do Campestre era a cura de suas doenças. Também pode ser observado um grande fervor religioso.

2. METODOLOGIA

O trabalho se articula a partir do levantamento das fontes e da análise de conteúdo das crônicas dos jornais e dos documentos oficiais produzidos pela Igreja e pelos representantes do governo da Província sobre as águas de Santa Maria. Queremos contrapor os documentos. O entrelaçamento dessas fontes é relevante para esta pesquisa, pois mostram a subjetividade que os documentos oficiais - atas e correspondências entre o governo e seus representantes - não conseguem revelar, tais como: o que levou tantas pessoas a buscar a cura nas águas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido à pesquisa encontrar-se em andamento, os resultados aqui apresentados ainda são parciais. A partir do levantamento das fontes e a leitura da bibliografia pertinente ao tema, pode-se perceber que o ajuntamento de pessoas em torno das águas causava desconforto ao governo e que muitos que para lá se dirigiam afirmavam supostas curas de suas enfermidades.

4. CONCLUSÕES

Este é um projeto de dissertação de mestrado em andamento, portanto, não serão apresentadas conclusões, mas considerações provisórias. Através da

leitura das fontes documentais torna-se possível perceber como um movimento de grande número de pessoas em torno de um local que tinha águas que supostamente poderiam curar doenças chamou a atenção de diversas esferas da sociedade. Apesar de já existirem trabalhos sobre o tema, o que se busca é enfatizar o que acontecia no local, pois mesmo após a saída do monge João Maria do Cerro do Campestre, em 1848, ali ainda permaneceram muitas pessoas em busca da cura de suas doenças.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, F. de. "Morro das Cruzes". In: **Jornal A Federação**, de 15 e 18 de março de 1895. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Porto Alegre, RS.
- BELÉM, J.. **História do município de Santa Maria – 1797-1933**. 3ª Ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.
- BELTRÃO, R. **Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto Município de São Martinho (1787-1930)** Ed. Santa Maria: Institutos Históricos do Rio Grande do Sul, do Pará e de Santa Maria, 1979.
- BURKE, P. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHALHOUB, S. *et al.* **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- FACHEL, J. F. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre; Florianópolis, Editora da UFRGS; Editora da UFSC, 1995.
- GINZBURG, C. **O Queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- KARSBURG, A. de O. **O Eremita do Novo Mundo: a trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869)**. Tese de doutorado em História, PPGHIS, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- KÜHN, F. "O povo sem religião: as representações da historiografia tradicional sul-rio-grandense acerca da religiosidade popular". In: **Revista de Filosofia e Ciências Humanas**. Passo Fundo, ano 14, n. 2, 1998.
- LEVI, G. **A Herança Imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte no século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- PRIORE, M. (org.). "Magia e medicina na colônia: o corpo feminino". In: **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.
- RIBEIRO, M. M. **Ciência e Maravilhoso no cotidiano- discursos e práticas médicas no Brasil setecentista**. São Paulo: USP, 1995. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de História, Universidade de São Paulo, 1995.
- WEBER, B. T. **As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República rio-grandense (1889-1928)**. Bauru, São Paulo, EDUSC; Santa Maria, Editora UFSM, 1999.
- WEBER, M. **Sociologia das religiões**. Tradução Paulo Osório de Castro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- WITTER, N. A. **Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no sul do Brasil (1845 – 1880)**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

- _____. “Curar como Arte e Ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura” In: **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, n. 19, 2005.
- _____. **Males e epidemias: sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)**. Tese de doutorado em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2007.